

A FRONTEIRA ENTRE O CÂNONE E A MARGEM EM “THE MILLER’S TALE” (O CONTO DO MOLEIRO) – EM *CONTOS DA CANTUÁRIA (THE CANTERBURY TALES)*, DE GEOFFREY CHAUCER (C. 1340-1400)

THE BOUNDARY BETWEEN THE CANON AND THE MARGIN IN “THE MILLER’S TALE” OF *THE CANTERBURY TALES*, BY GEOFFREY CHAUCER (C.1340-1400)

Leandro Dias Carneiro Rodrigues³⁷

RESUMO: O trabalho faz uma releitura do conto “The Miller’s tale” – “O conto do moleiro” – da coletânea de contos em “Canterbury Tales”, publicado (c.1380), de Geoffrey Chaucer, considerado por muitos o pai da Literatura Inglesa, tradutor da era medieval inglesa e influente de Shakespeare. O conto é narrado em versos isométricos, apresenta inversão sintática e rimas emparelhadas. Ele apresenta a estética influenciada pelos poetas italianos renascentistas. Em seu poema também foi mantida a *head rhyme*, rima inicial, característica marcante da poesia anglo-saxã do século X e que configurava a estrutura aliterada. Os objetivos do trabalho são: analisar a obra sob sua forma e seu conteúdo; relacioná-la aos critérios da égide do Cânone. Como eixo teórico, o trabalho é fundamentado em Bloom (1995), Campagnon (2010), Eagleton (2002), Evans (1971), entre outros. Discute-se, em linhas gerais, a relação entre Cânone (modelar, tradicional) da época medieval inglesa e, a partir do conteúdo da prosa poética, o popular, o marginal, traduzido no conto em inglês médio.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Inglesa; Cânone; Estética; Literatura Medieval.

ABSTRACT: This work aims to analyze the Miller’s tale, from the Canterbury Tales, by Geoffrey Chaucer, (c.1380), considered the father of the English Literature, translator of the

³⁷ Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília - Brasil. Professor da Universidade Paulista - Campus Brasília - Brasil. E-mail: leandro.unip.brasilia@gmail.com / leandro.rodrigues@docente.unip.br

English middle age culture and one of Shakespeare's most influent poets. The tale is narrated in isometric verses and it has synthetic version on its sentences and the chlerihew rhyme scheme (AABB) along the tale. The tale was influenced by the Renascentist Italian poets. The *head rhyme*, which is a remarkable feature of the Anglo-Saxon poetry of the 10th Century, which shapes the alliterated structure, is also very common throughout the poem. The main goals of this paper are: to analyze this tale regarding its form and content; to relate it to the Canon criteria. We use as theoretical guide, Bloom (1995), Campagnon (2010), Eagleton (2002), Evans (1971), and others. The discussion, over all, is taken over the relation between the Canon (traditional and examplary) from the English Medieval Era and the poetic prose of its content, the popular, the margin, translated from the middle English language tale.

KEYWORDS: English Literature; Canon; Aesthetics; Medieval Literature.

1. INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, pode-se afirmar que, em geral, a discussão sobre o que é de texto literário de valor, o que é texto marginal, que está à margem de um padrão, de uma estética literária ou de um valor tradicional, literário e clássico, pode ser arriscado, por determinada discussão ser infundável e justificada em moldes teóricos também tradicionais.

Todavia, o que se pretende discutir neste trabalho é a relação entre o clássico e o não-clássico, a partir de um texto inglês medieval. O que seria outrora um texto não canônico, por, de fato, tratar do popular, do comum, do mundano, hoje é considerado clássico, tradicional, ou mesmo, cânone.

O presente trabalho trata-se de uma análise do conto da Moleiro – *The Miller's Tale*, do livro medieval de contos intitulado "*The Canterbury tales*", do inglês Geoffrey Chaucer (c.1340-1400), sob a perspectiva de sua estética – forma, de sua pertinência estética (rigor tradicional) e de seu conteúdo jocoso e vulgar (popular).

2. THE CANTERBURY TALES

The Canterbury Tales, conhecido como "Contos de Cantuária (Canterbury)", é umas das obras mais relevantes da Literatura Inglesa. Escrito por Geoffrey Chaucer e publicado por volta de 1380, o texto reúne contos de

diversos autores, que são pessoas comuns da sociedade inglesa medieval da época. A motivação dos contos era uma procissão que levava devotos de São Tomás Beckett a Canterbury. Tais peregrinos, vinte e nove, são os autores dos contos.

Os Contos de Canterbury têm, como ponto de partida, uma romaria que vinte e nove peregrinos, aos quais se associa o próprio Chaucer, fazem juntos à cidade de *Canterbury*, para uma visita piedosa ao túmulo de São Tomás Beckett. O albergueiro do “Tabardo”, a estalagem ao sul de Londres onde pernoitam, sugere-lhes que, para se distraírem na viagem, cada qual conte duas histórias na ida e duas na volta, prometendo ao melhor narrador um jantar como prêmio. São estas histórias, juntamente com os elos entre uma e outra, mais o “Prólogo” em que os romeiros são apresentados um a um, que constituem em sua essência (VIZIOLLI, 2014, p. 15).

A narrativa, em forma de versos, apresenta, em todos os contos um prólogo, o qual contextualiza a situação da narrativa. Como se trata de pessoas comuns narrando histórias próprias ou de *outrem*, o prólogo apresenta esta contextualização. Alguns contos não foram finalizados ou publicados.

Os contos revelam a cultura medieval inglesa, mantendo as características dos personagens, seus costumes e suas linguagens – uma variedade considerável do vernáculo e do registro formal-informal. Alguns contos são: o conto do Cavaleiro; o do Moleiro; o do Feitor; o do Cozinheiro; do Homem do Mar; da Prioressa; o de Chaucer sobre o Sir Topázio; o do Monge; o da Mulher de Bath; o do Frade; do Beleguim; o do Estudante; o do Mercador; o do Escudeiro; o do Proprietário de Terras; o do Médico; o do Vendedor de Indulgências; o da outra Freira; o do Criado do Cônego; o do Provedor o do Pároco [excertos] entre outros.

Havia algumas profissões ou posições sociais que não existem mais ou que foram extintas. Como foi preservada esta variedade no vernáculo e na

cultura, pode-se afirmar que tal conjunto de contos apresenta vários gêneros literários, como afirma Vizioli (2014):

Além da sociedade, também estão presentes no livro a cultura e literatura medievais, visto que, a exemplo do *Ulysses* de James, onde cada capítulo tem uma ‘arte’ e ‘um estilo’, cada história de *Os Contos de Canterbury* ilustra um gênero literário diferente (em geral adequado ao narrador), e focaliza com certa minúcia uma ciência ou atividade humana (VIZIOLI, 2014, p. 18).

O conto analisado é o do Moleiro, “*The Miller’s tale*”. Este não narra sua própria história, mas uma que ele conhece, a fim de vencer a competição pelo jantar. O prólogo mantém o mesmo rigor estético do corpo dos textos, em verso rimado e metrificado. Este trata de uma advertência ao interlocutor, pois o moleiro estava embriagado e era rude:

The Miller, that for-dronken was al pale, (a)
 So that unnethe up-on his hors he sat, (b)
 He nolde avalen neither hood ne hat, (b)
 Ne abyde no man for his curteisye, (c)
 But in Pilates vois he gan to crye, (c)
 And swoor by armes and by blood and bones, (c)
 ‘I can a noble tale for the nones, (c)
 With which I wol now quyte the Knightes tale.’^{38(a)}

Ainda no prólogo, há a insistência de que o Moleiro era beberrão, mau educado e que o leitor, se desejasse, poderia pular este conto, pois foram mantidas as expressões de baixo calão utilizadas pelo Moleiro:

³⁸ O Moleiro, que estava pálido de bêbado e mal conseguia equilibrar-se em cima do cavalo, não se mostrava disposto a tirar o chapéu, ou o capuz para fazer cortesia a quem quer que fosse. Assim, com voz de Pilatos no teatro, pôs-se a gritar, jurando pelos braços, pelo sangue e pelos ossos de Jesus: ‘Eu conheço uma história que vem a calhar para a ocasião, e é com ela que vou igualar o conto do Cavaleiro.’

What sholde I more sey, but this Millere (a)
He nolde his wordes for no man forbere, (a)
But tolde his cherles tale in his manere; (a)
Me thinketh that I shal reherce it here. (a)
And ther-fore every gentil witht I preye, (a)
For godês love, demeth nat that I seye (a)
Of evel entente, but that I moot reherce (a)
Hir tales alle, be they bettre or werse, (a)
Or eles falsen som of my matere. (a)
And therefore, who-so list it nat y-here, (a)
Turnê over the leef, and chese another tale;³⁹ (a)

No trecho, nota-se a rigidez de Chaucer, quanto à forma. Rimas paralelas e versos também apresentam metragem isométrica. Todavia, ao lermos podemos cometer deslizes quanto ao ritmo por estar o texto em inglês médio e apresentar pronúncia por vezes distante da do inglês contemporâneo.

O conto narra o adultério de Alisson, jovem, bela e desejada esposa de um velho carpinteiro, e dono da hospedaria que abriga o belo jovem Nicholas, estudante de artes de Oxford, mas que estava voltado para os estudos astrológicos, com quem Alisson tem um caso amoroso.

Há também o jovem Absalon, vaidoso, abade da igreja e que é apaixonado pela jovem Alisson.

³⁹ Tudo o que posso acrescentar é que esse Moleiro não se calou em consideração por ninguém, contando a sua história indecente como bem entendeu. Lamento ter que reproduzi-la aqui. Por isso, peço às pessoas mais refinadas que, pelo amor de Deus, não atribuam qualquer propósito maldoso a meu relato; apenas repito os contos de todos eles, bons ou ruins, porque senão estaria falseando uma parte de minha matéria. Assim sendo, quem não desejar ouvi-la, tudo o que tem a fazer é virar a página e escolher alguma outra narrativa (VIZIOLLI, 2014, p.155).

John, o marido da jovem encantadora, a mantém trancada em seu estabelecimento, por insegurança ou por ciúmes. Nicholas não perde a chance de cortejá-la e propõe um plano para que eles possam passar a noite juntos.

Em primeiro momento, Alisson resiste, mas depois, cede aos encantos do mancebo. O plano consistia em convencer seu esposo, o velho John, de que um dilúvio haveria de cair no estabelecimento e que ele deveria preparar a hospedaria com tinas penduradas no teto com alimentos e cerveja. Enquanto o marido iria se proteger da suposta tempestade, prevista pelos instrumentos infalíveis da astrologia de Nicholas, este e Alisson passariam a noite juntos em pleno amor.

Entre uns e outros infortúnios, Absalon, o jovem vaidoso abade, tenta beijar Alisson, mas acaba beijando seu traseiro. No final, quando o plano do dilúvio é executado, o sacristão, por vingança, queima o traseiro de Nicholas com um ferro em chamas, e Nicholas sai correndo, desesperado, gritando por água. o, por vingança de Absalon, e sai correndo gritando por água. O velho John, carpinteiro, esposo de Alisson, que estava adormecido, acaba caindo da tina e quebrando o braço. A cidade toda ri dos acontecimentos.

Uma típica comédia ao melhor estilo britânico, com características medievais.

3. O CÂNONE E A MARGEM

Como os demais contos da mesma obra, Chaucer procurou preservar a linguagem, manteve termos de baixo calão, mas versificou o texto isometricamente e o dispôs em rimas emparelhadas. Os versos encontram-se em inglês médio, com variações linguísticas notáveis (várias ocorrências diferentes para a mesma palavra). Sob influência de escritores italianos, principalmente Boccaccio – em *Decamerão*, Chaucer utilizou-se da inversão sintática para dar brilho à estrutura do inglês médio, todavia mantendo a

tradicional primeira rima, *head rhyme*, estrutura clássica dos poemas épicos e elegias saxônicas. Também preservou as tradições da aliteração e da sinédoque, bem conhecidas em textos como: *Beowulf*, primeiro poema épico narrado em inglês antigo – ou *old English* – e as elegias: *the seafarer* (o navegante) e *the wanderer* (o andarilho).

Eis os primeiros versos do conto do Moleiro:

Whylom, ther was dwellinge at Oxenford
 A riche gnof, that gestes heeld to bord,
 And of his craft he was a Carpenter.
 With him ther was dwelling a provre scoler,
 Had lerned art, but al his fantasye
 Was turned for to lerne astrologye,⁴⁰ (VIZIOLLI, 2014, p. 157)

Na versão de Viziolli, o texto encontra-se disposto no inglês médio em uma página e a tradução em outra. No trecho podemos verificar rimas paralelas: *a a b b c c*. A presente estrutura aliterada – repetição de consoantes – característica da poesia saxônica do século X, em *gnof, gestes, His, He* (também no fragmento do prólogo) etc, é mantida, bem como estrangeirismos do latim, *scoler, fantasye, povre*, entre outros. Pode-se verificar, bem como em todo o texto e em outros contos, a isometria decassilábica.

O ponto que pretendemos discutir aqui é justamente o teor do texto, no que diz respeito ao seu conteúdo, e a sua estrutura poética. Trata-se de uma tradição, o ofício da composição, a estética, a estrutura. Tal discute-se como uma das características de formação do cânone, o rigor. O conteúdo, todavia, traz a vivência cotidiana, a narrativa de estórias legítimas, de teor jocoso,

⁴⁰ Vivia antigamente em Oxford um velho rico e mau, carpinteiro de profissão, que aceitava pensionistas em casa. Com ele morava um estudante pobre, que fizera o curso de artes, mas cuja inclinação era toda para astrologia. (Trad. VIZIOLLI, ano, p. 157).

medieval do homem comum, vulgar – segundo a tradição – e de um vernáculo também vulgar.

This Absalon ful Ioly was and light,
 And thought, 'now is tyme wake al night;
 For sikirly I saugh him nat stiringe
 Aboute his dore sin day bigan to springe.⁴¹

O fragmento acima mostra a intenção de Absalom em queimar o traseiro de Alisson como vingança à tragédia que lhe ocorreu: beijar o traseiro da moça.

A seguir, o fragmento mostra o intento realizado do abade, mas, no traseiro de Nicholas, ao invés do de Alisson.

This Nicholas was risen for to pisse,
 And thoghte he wolde amenden al the Iape,
 He sholde kesse his ers er that he scape.
 And up the window did e he hastily,
 And out his ers he putteth prively
 Over the buttoke, to the hounce-bon;
 And ther-with spak this clerk, this Absolon,
 'Spek, seete bird, I not nat wher thou art.'
 This Nicholas anon leet flee a fart,
 As greet as it hoad been a thunder-dent,
 That with the trook he was almost y-blent;
 And he was redy with his iren hoot,
 And Nicholas amide the ers he smoot.
 Of gooth the skin an hande-brede aboute,
 The hole culter brende so his toute,

⁴¹ Absalon, todo aceso e feliz, pensou: “Esta noite tenho que ficar acordado, pois a verdade é que hoje não o vi passar pela porta de sua casa desde que o dia raiou (trad. VIZIOLI, ano, p. 175).

And for the smert he wende for to dye.
As he were wood, for wo he gan to crye –
Help! Water! Water! Help, for godes herte!⁴²(...)

Na estrutura, Chaucer preserva, mesmo mantendo a linguagem de baixo calão, a estética poética isométrica e as rimas paralelas: *a a b b c c d d e e f f g g h h* (..). No recorte destacado, a palavra do último verso rima com a palavra do verso seguinte. O mesmo ocorre com o início do fragmento. Chaucer cuidou de manter as rimas paralelas até o último verso. Tal rigor traduz uma tradição. Talvez a forma o tenha canonizado, pois, um dos critérios da formação do Cânone é a estética, claro, uma escolha pessoal e altamente subjetiva. Segundo Bloom, “(...) o estético, em minha opinião, é uma preocupação mais individual que de sociedade” (BLOOM, 2010, 29).

Não é de se considerar enfadonho o fato de que a questão de valorização seja um juízo de valor, altamente categórico, porém relevante, para uma tradição de uma estética e também de seleção para o ensino. Como afirma Compagnon:

O tema ‘valor’, ao lado da questão da subjetividade do julgamento, comporta ainda a questão do *cânone*, ou dos *clássicos*, como se diz de preferência em francês, e da formação desse cânone, de sua autoridade – sobretudo escolar –, de sua contestação, de sua revisão (COMPAGNON, 2010, p. 222).

⁴² Nicholas, que tinha se levantado para mijar, ouviu essa conversa ao passar por ali, e achou que poderia pregar-lhe uma peça ainda maior: desta vez faria Absalon beijar seu próprio cu. Assim, abriu sem perda de tempo a janela e logo pôs todo o traseiro para fora, das nádegas até às coxas. Absalon, o sacristão, sussurrou: ‘Fale, meu gentil passarinho; não consigo ver onde você está’. Em resposta, Nicholas soltou um peido forte como um trovão, uma lufada que quase o deixou cego. Mas Absalon estava pronto com o ferro quente em riste, e atingiu Nicholas em pleno olho do cu. E lá se foi bem um palmo de pele em toda a volta. A sega em brasa queimou tanto o seu traseiro, que ele pensou que fosse morrer de dor naquele instante. Então, pôs-se a gritar como louco: “Socorro! Água! Água! Socorro! Pelo amor de Deus!” (trad. VIZIOLI, 2014, p. 181).

Ainda na discussão em relação ao cânone, *Canterbury Tales* é, indiscutivelmente, uma referência mundial.

Passando do demasiado louvado para o que nunca é demais louvar, *Canterbury Tales* [Contos de Cantuária] é um tônico notável. Passamos de meros nomes na página para o que sou impelido a chamar de realidade virtual das personagens literárias, homens e mulheres convincentemente persuasivos. (BLOOM, 2010, p. 140).

Ao mesmo tempo que é considerado canônico, em geral, por ser referência escolar, por fazer parte de uma memória cultural nacional na Inglaterra, podemos arriscar a dizer que, igualmente, a seu lugar no topo canônico, temos alguns limites, algumas fronteiras, que ascendem à margem. A estética, um dos artifícios da arte literária, que pode tornar o texto literário valorizado ou não, desde as concepções aristotélicas da *poesis* (o fazer), a *mimesis* (a imitação) e, ainda, o *ingenium* (a criação), o artifício do uso da língua também pode, ao mesmo tempo, confrontar este modelo, esta tradição. Chaucer criou palavras, com base no seu conhecimento de outras línguas, como o francês e o italiano, para florear, colorir e, até mesmo, estabelecer um padrão silábico novo do verso. Segundo Burgess (2002):

(...) apesar de seu conhecimento de línguas mais polidas do continente, ele (Chaucer) se limitou patrioticamente a usar o dialeto do inglês *East Midland* que era falado em Londres. O dialeto que ele encontrou não era rico em palavras, e não possuía uma literatura importante da qual ele pudesse aprender algo. Em um certo sentido, ele teve de 'criar' a língua inglesa tal como a conhecemos hoje e estabelecer suas tradições literárias (BURGESS, 2002, p.40)

Chaucer realmente aprimorou sua língua, utilizando referências estéticas às línguas românicas, invertendo a estrutura silábica para manter a contagem dos versos. Ele musicalizou os versos, tornando-os menos

aliterados, menos ríspidos, como rege a tradição das primeiras narrativas em *Old English* (Inglês Antigo).

Em suma, pode-se afirmar, em tímidas linhas, que se verifica e constata-se o cânone, indiscutível em Chaucer, aliado às características da poesia popular, sobretudo com sua linguagem. Discute-se o *status* canônico, a partir da estrutura poética, seguindo uma tradição, mas também se preserva o legado da cultura medieval popular inglesa, também mantido, “a figura mais clara da vida medieval existente”, como afirma Evans (p.26), o que se arriscaria afirmar que se trata da margem. Portanto, Chaucer, não somente em *The Miller’s Tale*, mas nos Contos de Canterbury, em geral, engendra a fronteira entre o cânone e a margem.

Por fim, conforme Sainte-Beuve, em seu clássico *Qu’est-ce qu’un classique*, de 1850, citada por Compagnon:

Um verdadeiro clássico [...] é um autor que enriqueceu o espírito humano, que realmente aumentou seu tesouro, que lhe fez dar um passo a mais, que descobriu alguma verdade moral não equívoca ou apreendeu alguma paixão eterna nesse coração em que tudo já parecia conhecido e explorado; que manifestou seu pensamento, sua observação ou sua invenção, não importa de que forma, mas que é uma forma ampla e grande, fina e sensata, saudável e bela em si; que falou a todos num estilo próprio, mas que é também o de todos, num estilo novo sem neologismo, novo e antigo, facilmente contemporâneo de todas as idades (SAINTE-BEUVE, 1850, *apud* COMPAGNON, 2010, p.230).

O Clássico, considerado canônico também apresenta características humanas que outrora eram desprestigiadas, não-valorizadas ou até mesmo ignoradas. O cânone de hoje, Chaucer é a margem de ontem.

REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. *O cânone Ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BURGESS, Anthony. *A literatura inglesa*. São Paulo: Ática, 2001.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

EVANS, Ifor. *A short History of English Literature*. 3rd ed. Great Britain: Penguin books ltd., 1971.

VIZIOLI, Paulo. *Geoffrey Chaucer: Os contos de Canterbury*. 34. Ed. Ltda., 2014.

Recebido em 01/12/2018

Aceito em 19/02/2019.